

# **CENTRO DE EDUCAÇÃO (CED) E COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC: a parceria e a reflexão necessárias na formação de professores**

**Maria Inêz Probst Lucena<sup>1</sup>**

## **ORIGEM/ OBJETIVO/ IDENTIDADE**

O objetivo deste texto é tratar de algumas questões referentes à formação de professores, mais especificamente, o estágio curricular, apresentando alguns princípios que consideramos importantes serem discutidos entre escola e universidade. As idéias aqui apresentadas são parte de uma fala feita no final do ano de 2009 durante um evento chamado Socialização dos Estágios, idealizado pela Profa. Dra. Vera Bazzo. Naquela ocasião, estagiários de Inglês que haviam desenvolvido seus estágios em diferentes níveis de ensino, apresentaram seus planos, atividades e impressões sobre a prática da sala de aula desenvolvida no Colégio de Aplicação.

Como professores *da casa*, procuramos ter um envolvimento intenso e acompanhamos de perto, a cada ano e a cada semestre, a elaboração dos planos, discutimos as dúvidas, vivenciamos e dividimos conflitos com os estagiários. Recebemos os alunos-professores em nossas salas e em nosso cotidiano para valiosas interações em que dilemas e conflitos são revelados, ao mesmo tempo em que incertezas e intranqüilidades são negociadas. Podemos dizer que ainda há muito para se refletir sobre a implementação de ações satisfatórias em programas de formação, mas nosso conhecimento e experiência nos mostram elementos concretos em favor de uma relação orgânica entre escola-universidade. Para tanto, fazemos algumas considerações em relação ao

---

<sup>1</sup> Maria Inêz Probst Lucena é doutora pela UFRGS em Estudos da Linguagem e atua como professora de Ensino Básico no Colégio de Aplicação e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC na Linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. E-mail: inez@ca.ufsc.br

estágio e apontamos para alguns princípios que podem contribuir para uma discussão mais intensa sobre a relação escola- universidade.

Sabe-se que o processo de formação do professor é complexo e conhecer a natureza e a realidade do campo de estágio pode ajudar o aluno-professor a desencadear uma discussão a respeito das razões sociais e políticas nele inseridas, assim como conhecer os interesses que embasam as escolhas para as ações dos professores que atuam nesse campo social. Assim, entendo que o estágio é um momento singular para esse processo, pois possibilita a interação do futuro professor com as ações cotidianas da escola regular. Acredito que a discussão sobre como as experiências individuais e coletivas, vivenciadas na educação básica, são reconhecidas pelos futuros professores, pode levar a uma prática de ensino mais coerente com a da educação pública brasileira.

Sabemos que há um confronto entre conceitos provenientes da “pedagogia popular” (CELANI; MAGALHÃES, 2002, p. 329) e os conceitos científicos. As razões que professores em serviço apresentam para suas práticas não seguem especificamente a literatura, ao contrário, muitas vezes são marcadas pelas experiências socioculturais que possibilitam diferentes interpretações e tomadas de decisão, de acordo com o que “cai bem” (BOURDIEU, 1990) naquele campo educacional. Nesse caso, importa ressaltar aqui que a prática de ensino deve apontar para reflexões sobre as ações dos professores no que diz respeito à relação entre teoria e prática a não incentivar a crítica e/ou negação do conhecimento local. Discutir o modo como as ações educativas são interpretadas pelos professores da escola pode contribuir para ressignificações mais embasadas sobre a sala de aula. Um dos objetos da formação deve ser, portanto, a viabilização de situações nas quais seja possível uma reflexão crítica entre educadores de professores, futuros professores e professores em serviço. A partir dessa reflexão conjunta, a contraposição entre o conhecimento teórico de alunos-professores e a experiência acumulada dos professores em serviço poderá garantir o desenvolvimento e

implementação de materiais e práticas mais condizentes com a realidade educacional brasileira.

Momentos de socialização entre unidades escolares e departamentos além de serem extremamente importantes para a troca de informações sobre a nossa prática, possibilitam também uma discussão sobre questões ainda pendentes em relação à interação desses segmentos. Sendo assim, torna-se crucial a expansão de espaços de discussão para levantar pontos e debater propostas que possam vir a contribuir com uma política cada vez mais engajada na construção da identidade profissional dos professores.

A partir de nosso envolvimento com a prática de ensino, parecemos imperativo uma articulação maior entre as disciplinas específicas do curso de Letras e das disciplinas pedagógicas. É possível realizar mudanças significativas, dada a autonomia da UFSC. A união entre centros e unidades deve ser legitimada a partir de um projeto institucional cujo objetivo geral vise à formação de um profissional responsável consciente da importância social de sua prática docente.

Acreditamos ainda que o conhecimento do Projeto Político-Pedagógico da escola pelo futuro-professor não deve se sustentar puramente no reconhecimento do documento escrito. As relações complexas, entre professores e suas práticas, com a instituição demonstram que as diretrizes e esquemas de técnicas para o desenvolvimento das práticas propostas e instituídas naquele contexto escolar são sobrepostos pelo conhecimento prático. Muitas vezes, as ações consideradas mais apropriadas por professores são aquelas que contemplam soluções mais imediatas para as dificuldades encontradas na sala de aula. Isso sugere que o estágio deve contemplar estas especificidades e desenvolver um trabalho continuado, com debates e reflexões, acerca da relação entre as orientações pessoais dos professores e as diretrizes institucionais destacadas pela escola.

Ressaltamos que os futuros professores precisam entender que a função social do ensino faz com que professores em serviço relacionem

sua ação pedagógica com a educação local e situada. Portanto, a formação dos futuros educadores não deve ser meramente realizada através da transmissão de informações a respeito do que se deve fazer na sala de aula, mas, sim, a partir de discussões sobre o que está *sendo feito*. As orientações teóricas, quando vinculadas ao cotidiano escolar, ajudam a fortalecer o uso de boas e novas práticas e podem sustentar possíveis processos de transformação.

Também acreditamos ser necessária a formulação de uma proposta de formação de professores que promova o envolvimento de todos os professores das diferentes unidades de ensino. Para tanto, destacamos abaixo alguns princípios que podem servir como insumo para a discussão:

1. Integração de projetos de formação entre docentes dos anos iniciais, finais e de médio da educação básica, docentes da disciplina de prática de ensino e docentes do curso de Letras.

2. Avaliação e acompanhamento por parte de uma política dos departamentos e centros que oferecem cursos de licenciatura e das unidades que trabalham com formação de professores (ex. colégio de Aplicação).

3. Mobilização e valorização de atividades e iniciativas que compreendam medidas efetivas para a melhoria da prática e preparação para o exercício profissional dos futuros professores.

4. Necessidade de levar em conta o cotidiano da escola, sendo que esse princípio deva ser de profunda consideração na preparação do planejamento do estágio e na preparação dos planos de aula. Nenhum evento escolar acontece no vácuo. O ensino/aprendizagem só se realiza quando há um entrelaçamento de relações que acontecem dentro do complexo mundo da sala de aula e do cotidiano escolar. Portanto, a instituição, os alunos, os valores que a escola defende em seu projeto político pedagógico, o plano de aula do professor da turma em que será realizada a prática são aspectos que precisam ser respeitados e considerados por todos.

5. Necessidade do reconhecimento da realidade escolar e do contexto educacional na sua totalidade e não de modo fragmentado e pontual. A escola é **viva** e não estagnada. O aluno em sua formação como um educador precisa ser preparado para lidar com adversidades, com interrupções, com greves de ônibus, de docentes, de funcionários, etc. Precisa ser preparado para a viagem de estudo que não estava incluída em seu cronograma, mas que possibilita a atividade interdisciplinar e infinitas oportunidades para os alunos. Precisa ser preparado para o debate político dos alunos, agendado de última hora, para a discussão de assuntos educacionais e delicados, como por exemplo, o aumento da tarifa de transporte urbano, segurança escolar, recuperação de estudos, etc, etc.

O mais importante é que o papel dos formadores possa ser desempenhado de modo a preparar o aluno-professor para todos os tipos de problemas, valores e práticas educacionais que historicamente caracterizam as instituições escolares. Isso implica em uma política de formação de professores que se comprometa com problemas escolares cotidianos, que se comprometa com os valores da educação básica e pública e com a história de cada instituição escolar, uma vez que é esse o contexto em que exercerão seus papéis como educadores. Indo mais além, Penin (2001) chama a atenção para a necessidade de propor aos alunos- professores um projeto de formação que possa fazer com que eles tenham uma base sólida para o processo de formação continuada. Importa, portanto, pensarmos em ações que façam com que os alunos se envolvam em projetos de ensino e pesquisa. Segundo ela,

O projeto de formação deve prever a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, de modo a garantir a qualidade da formação inicial, introduzindo os licenciandos nos processos investigativos na sua área específica e da prática docente, tornando-o um profissional capaz de conduzir sua própria formação continuada (PENIN, 2001, p. 327).

A autora enfatiza que a realidade escolar não é objeto de nenhuma disciplina em particular, mas sim, constituída através da articulação entre

práticas e diferentes projetos. Desse modo, a preocupação com a formação do professor deve ser uma preocupação presente em todas as disciplinas, em todos os objetivos e em todas as atividades dos cursos de licenciaturas. Não é possível almejar uma formação completa quando os conteúdos específicos em relação à prática educativa ficam restritos às disciplinas pedagógicas, como didática e metodologia de ensino. Os conteúdos específicos podem e devem estar sempre relacionados com conteúdos de educação geral e com a prática pedagógica.

Precisamos, portanto, pensar em uma formação docente que atenda às instituições escolares, que respeite suas identidades e suas propostas pedagógicas. O aluno-professor precisa conhecer o contexto escolar em que irá atuar. Importa discutir o quanto que o trabalho do professor vai além do universo interno da sala de aula. A formação de professores deve estimular e objetivar ações coletivas e para tanto o contexto educacional deve ser o ponto de partida para reflexão, desenvolvimento de planos de ensino e de atividades que se queiram desenvolver nele. O caráter multidisciplinar e interdisciplinar que buscamos e o trabalho coletivo que procuramos realizar precisa ser problematizado na prática, uma vez que a escola é um campo social complexo e que cada decisão deve ser problematizada e socializada. Por outro lado, também é importante ressaltar o quanto esse campo é fecundo e propício para uma série de atividades em que o futuro professor pode ser integrado e envolvido de modo que desenvolva um trabalho relevante e significativo para a instituição.

Não basta formar professores responsáveis e participantes. É necessário formar professores que estejam efetivamente engajados na desconstrução e transformação da lógica perversa que traz o sentimento de fatalismo para a profissão de educador. O conhecimento da realidade escolar não pode afastar o futuro- professor da profissão. Ao contrário, a visão intensa e real do cenário institucional, a discussão dos objetivos da escola, o conhecimento de cada segmento, a interação com professores de outras disciplinas, o contato com a experiência de mundo dos alunos

trazida para a sala de aula são elementos que podem contribuir sobremaneira para o entendimento e formação da identidade do futuro-professor assim como para o comprometimento desse sujeito com o campo de sua atuação futura.

O estágio deve ser bem-vindo nas escolas e deve contribuir para solidificar relações sociais existentes entre comunidade, escola e universidade. Todos os participantes envolvidos nesse processo contribuem para mudanças sociais criando práticas, explorando diversas representações de conhecimento e apontando para futuras possibilidades de pesquisas nas áreas de atuação. No entanto, não poderemos avançar se a pluralidade de vozes que constitui o mapa e as tramas na formação de professores não for reconhecida como a principal fonte de construção de conhecimento para o estágio curricular.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *The logic of practice*. Stanford: Stanford University Press. 1990.

CELANI, Maria Antonieta A.; MAGALHÃES, Maria Cecília C. Representações de professores de inglês como Língua Estrangeira sobre suas identidades profissionais: Uma proposta de reconstrução. IN: MOITA LOPES, J. P.; BASTOS, L. C. **Identities – recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

PENIN SONIA, T. S. A. Formação de Professores e a responsabilidade das universidades. **Estudos avançados**. vol.15, n. 42. São Paulo, 2001. Disponível em: (<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a17.pdf>) Acesso em 15/09/11.

